

CONSIDERAÇÕES SOBRE IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE LÍNGUAS EM CONTATO NA AULA DE FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

MARIANA PRADO¹; ISABELLA MOZZILLO (orientadora)²

¹*Universidade Federal de Pelotas – mariananeyprado@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de partilhar algumas das considerações desenvolvidas no Projeto de Qualificação de Mestrado junto à linha de *Aquisição, Variação e Ensino* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, especificamente no grupo de pesquisa Línguas em Contato. Pode-se afirmar que a área de concentração do estudo é a de Sociolinguística. O objetivo geral da investigação é verificar, por meio de entrevistas, ideologias linguísticas que professores de francês formados pelo curso de Licenciatura em Letras – Português e Francês da UFPel mobilizam a respeito das línguas em contato, nas aulas de francês como língua estrangeira, bem como as de alguns de seus estudantes. Por línguas em contato entende-se aqui o tratamento da língua materna na sala de aula de língua estrangeira, bem como o tratamento das outras línguas que porventura os alunos e o professor possam conhecer, regido por crenças e atitudes sobre as línguas, o que tem consequências no ensino-aprendizagem.

Parte-se da perspectiva de que a linguagem é uma prática social e de que a práxis linguística é uma ação na qual os interlocutores negociam suas identidades sociais (DEL VALLE, 2010) em contextos de teias complexas de relações de poder simbólico (BOURDIEU, 1989). Para tanto, é possível referenciar a questão de legitimidade e de autoridade como central para compreender essa análise social (MEIRINHO, DEL VALLE, 2016). A legitimidade se dá a partir da negociação de identidades entre interlocutores, no processo de ser conhecido e reconhecido por meio da comunicação, seja verbal ou não-verbal. O conjunto complexo de relações e de valores constitui os regimes de normatividade, que é entendido como sistema que designa valores diferentes aos usos da linguagem (ARNOUX; DEL VALLE, 2010).

Dentre as crenças e atitudes sobre as línguas, vide ideologia linguística (SPINASSÉ ; MOZZILLO, 2021), pode-se elencar todo um conjunto de convicções no que diz respeito a como se aprende uma língua, que são veiculadas por todas as camadas da sociedade sem questionamento prévio. Para Mello (2005), os conceitos de competência bilíngue e indivíduo bilíngue são socialmente determinados com base nas competências de falantes nativos monolíngues. Nessa perspectiva, a separação excessiva entre os repertórios linguísticos do aluno é entendida como primordial para a aprendizagem. Assim, a língua materna é referenciada (MELLO, 2005, p. 164) como fator motivador de interferências linguísticas e de fossilização (SELINKER, 1972)

De acordo com Mozzillo (2005), interlíngua é a língua gerada a partir da junção entre as línguas maternas, as outras línguas estrangeiras que o indivíduo possa conhecer e a língua alvo. É através da língua materna como base que o aluno desenvolve seus conhecimentos de língua estrangeira. Ora, se o bilíngue



carrega em si as línguas em contato não de forma compartimentada, mas orgânica, seria desumano, antipedagógico e anticientífico exigir que não haja ocorrência da língua materna na sala de aula de língua estrangeira. Logicamente, ao longo da construção do que comumente chamou-se de interlíngua, a ocorrência da língua materna vai ficando cada vez menos presente. Dessa forma, em níveis mais avançados, é normal que as motivações para a alternância de códigos sejam outras ou menos ocorrentes. Situações desagradáveis são advindas da negação da língua materna no processo de aquisição de língua estrangeira, sendo algumas delas: insegurança linguística, evasão, baixa motivação e problemas de autoestima.

Para o levantamento de dados, estão sendo feitas entrevistas com professores e alunos de francês como língua estrangeira para desvelar suas respectivas crenças e atitudes, contribuindo assim para a comunidade científica e para o conjunto de trabalhos já feitos nesse sentido, sendo para confirmar ou não as realidades retratadas. É necessário um trabalho interpretativo no sentido de busca desses valores sociais construídos e atribuídos que afetam o processo de aprendizagem dos estudantes e o processo de ensino dos professores, como, por exemplo, a política de interdição da língua materna em aula de língua estrangeira, que revela a concepção de que o estudante deve performar um monolingüismo em todas as línguas que conhece (MOORE, 2005).

Para tanto, no que se refere ao tratamento da língua materna na aula de língua estrangeira, pode-se utilizar as tipologias bilinguismo aditivo e substrutivo (LAMBERT, 1974, p. 26). No primeiro caso, a aprendizagem de uma nova língua não está em concorrência com a língua materna. Segundo o autor, o aditivo tipo de bilinguismo é possível graças a uma atitude positiva em relação à língua materna. Entende-se, portanto, seguindo esta linha de raciocínio, que o segundo tipo de bilinguismo mencionado diz respeito à aprendizagem de língua estrangeira que mina a ocorrência da língua materna. O bilinguismo substrutivo requer uma atitude negativa em relação à língua materna. A partir disso, pode-se inferir que a interdição da alternância de código gera um bilinguismo substrutivo, ao passo em que a alternância incentivada, raciocinada (MOORE, 2003) e permitida em sala de aula gera um bilinguismo aditivo. São sobre estes pilares que serão baseados os resultados parciais. Segundo Mozzillo, alternância de códigos é o ato de “lançar mão de elementos de uma e outra língua no mesmo ato comunicativo” e “constitui uma estratégia comunicativa que é sinal de uma competência pragmática compartilhada por bilíngues ao transmitirem informação” (MOZZILLO, 2009, p. 188).

2. METODOLOGIA

Para o estudo de caráter qualitativo foram elaborados dois questionários, que estão sendo aplicados em entrevistas via *google meet*, que são transcritas para fins de levantamento do *corpus* de análise e têm o objetivo de saber se os professores de francês e alguns de seus respectivos estudantes percebem a ocorrência da língua materna na aula de língua estrangeira como prejudicial, benéfica ou nem uma nem outra opção, se consideram que fazer relações entre línguas é benéfico, prejudicial ou nem um nem outro e se têm tendências de rejeitar ou aceitar, considerando-se aqui graduações de aceitação ou de rejeição, a recorrência à língua materna ou a outras línguas que por acaso possam conhecer. Os critérios de seleção dos informantes foram: em relação aos professores, devem ser formados pelo curso de Licenciatura em Letras – Português e Francês



e em relação a alguns dos alunos que serão entrevistados, devem ter tido aulas ministradas pelos professores em questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, pode-se inferir que, em geral, a maioria dos entrevistados concorda que a ocorrência de outras línguas pode ser positiva para a construção da interlíngua dos estudantes, ainda que talvez desconheçam a existência da didática da alternância (MOORE, 2001). Em linhas gerais, todos soaram de acordo com o que a ciência vem preconizando no que diz respeito às crenças apresentadas, portanto, o intento será de investigar comparativamente o porquê disso. A hipótese levantada para explicação de tal fato é a da excelência do corpo docente da área de francês, que forma profissionais muito bem orientados ideologicamente, mesmo que alguns não consigam aplicar a bivalência (didática integrada do português língua materna e do francês língua estrangeira (CHISS, 2008) por motivações de necessidade de sobrevivência no mercado de trabalho, que adota políticas relacionadas com o paradigma monolinguístico.

4. CONCLUSÕES

Para que seja promovida a tolerância em relação à diferença no ambiente bilíngue, é necessário desenvolver um entendimento, por parte do professor de língua estrangeira e por parte do aluno, a respeito do que é o bilinguismo e de quais são as crenças que determinam as escolhas dos falantes em relação às línguas que conhecem e que aprendem. Portanto, este trabalho tem o intuito de contribuir positivamente para a formação e para a atualização de professores de língua estrangeira, posto que a ocorrência das línguas que alunos e professores conhecem beneficia a aprendizagem, ou seja, promove o bilinguismo aditivo (LAMBERT, 1974) anteriormente comentado. A alternância de línguas é um comportamento inerente do bilíngue (MOZZILLO, 2009) e deve ser tratada como tal pedagogicamente, para tornar o ambiente de aprendizado confortável para a formulação de hipóteses e para o desenvolvimento de técnicas dos aprendizes.

As considerações sobre ideologias linguísticas de professores e alunos que estão sendo desenvolvidas nesta pesquisa têm a finalidade de fazer comparações com outros trabalhos que foram feitos sobre professores e alunos de outras línguas estrangeiras, assim tendo, então, pontos de comparação ou de distanciamento em termos de postura dos falantes em relação às línguas. (CASTELLOTTI, MOORE, 2002)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLOTTI; MOORE. *Représentations sociales des langues et enseignements. Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe – De la diversité linguistique à l'éducation plurilingue Étude de référence*. Division des politiques linguistiques. Direction de l'éducation scolaire, extra-scolaire et de l'enseignement supérieur. DGIV. Conseil de l'Europe, Strasbourg, 2002



DEL VALLE; ARNOUX. **Las representaciones ideológicas del lenguaje: Discurso glotopolítico y panhispanismo.** (2010). Spanish in Context, 7(1), 1–24, 2010.

DEL VALLE; MEIRINHO. **Ideologías lingüísticas.** Javier Gutiérrez-Rexach (ed.). Enciclopedia de Lingüística Hispánica. New York: Routledge, 2016.

GROSJEAN, François. **Bilinguismo individual.** Revista UFG, Ano X, nº5, dez. 2008.

GROSJEAN, F. **Être bilingue aujourd’hui. Revue française de linguistique appliquée**, v. Vol. XXIII, n. 2, p. 7–14, 27 nov. 2018.

LAMBERT, Wallace. **Culture and Language as Factors in Learning and Education.** ; Paper presented at the Annual Learning Symposium on "Cultural Factors in Learning" and at the Annual convention of the Teachers of English to Speakers of Other Languages. Denver, Colorado, March 1974.

MELLO, Heloísa. **L1: Madrinha ou madrasta? – O papel da L1 na aquisição da L2.** Signótica, v. 16, n. 2, p. 213-242, jul./dez. 2004.

MELLO, Heloísa. **Examinando a relação L1-L2 na pedagogia de ensino de ESL.** Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 5, n. 1, 2005.

MOORE, Danièle, « **Une didactique de l’alternance pour mieux apprendre ?** », Éla. Études de linguistique appliquée, 2001/1 (no 121), p. 71-78. DOI : 10.3917/ela.121.0071.

MOZZILLO, Isabella. **O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue.** Papia 19, p. 185- 200, 2009. ISSN 01039415.

MOZZILLO, I.; SPINASSÉ, K. P. **Famílias em situação plurilíngue: ideologias linguísticas.** Gragoatá, Niterói, v.26, n.54, p. 294-325, 2021.
<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i54.46372>

SELINKER, Larry. **Interlanguage.** International Review of Applied Linguistics, Boston, v. 10, p. 209-232, 1972. <https://doi.org/10.1515/iral.1972.10.1-4.209>